

Por que razão estudar o(s) espaço(s) literário(s)?

Breve reflexão introdutória a esta área de estudos

MARIA HERMÍNIA AMADO LAUREL

Propõe-se reunir este número da *RUA-L, Revista da Universidade de Aveiro-Letras*, um acervo significativo de textos visando uma reflexão alargada e partilhada sobre uma problemática que tem vindo a interessar os estudiosos, com particular acuidade, a partir da última década: os novos espaços literários. As actuais tendências críticas são convergentes no entendimento destes espaços como espaços transdisciplinares onde as culturas literárias, situadas no campo mais vasto das culturas humanísticas, mostram o seu potencial na sociedade contemporânea.

Assim, importa conhecer melhor o espaço literário como espaço do processo integral de criação humana, para ele fazendo confluir – de forma que agora se pretende integrada e actuante – perspectivas que tanto a tradição dos estudos literários como a tradição dos estudos das áreas ditas das «ciências» não contemplavam, nas suas opções monodisciplinares exclusivas. Centrada sobre o seu objecto de estudo, e validada por essa perspectiva, a exclusividade desses estudos afigura-se hoje como figura de «exclusão». Ora, as modernas tendências de investigação têm vindo a acentuar o interesse que novas perspectivas de abordagem do Homem e do seu lugar no Mundo demonstram, ao promover a complementaridade interdisciplinar em processos de conhecimento mais abrangentes. O impacto social desse conhecimento é reconhecido, numa sociedade inclusiva, que se quer culta, informada e participada pelo maior número dos seus cidadãos. É assim que o que se entende hoje como o espaço literário apela à redefinição da perspectiva tradicional que, tendo confinado o espaço literário ao espaço textual, privilegiava o estudo exclusivo das representações do espaço na literatura, abrindo-a agora à dimensão social, económica, cultural, filosófica, histórica e política da literatura, contribuindo para a circulação do conhecimento entre várias áreas disciplinares que, tão surpreendentemente ainda para alguns, podem convocar as ciências da natureza, as ciências da saúde, a arquitectura, o ambiente, ou os urbanistas e demais conceptores do ordenamento dos territórios, entre outros, numa

responsabilidade partilhada face aos grandes desafios contemporâneos. Uma realidade que tarda em ser reconhecida pelas instituições, mas que potencia o desenvolvimento desejável dos estudos literários em novos espaços institucionais para os quais poderá dar o seu contributo, contrariando assim o discurso de «declínio» das Humanidades em que certos sectores das mesmas parecem apostados, por falta de clarividência, mas também, certamente, pela falta de visibilidade de novas propostas.

Estudar hoje o «espaço» literário não pode pois confinar-se, metodologicamente, às fronteiras em que a narratologia delimitou o seu estudo, como categoria da narrativa, ao longo dos anos 1970 e 1980. Convirá relevar aqui a importância das modalidades discursivas que sustentam a representação do espaço literário, mas também a «era da suspeita» que o «novo romance» (de origem francesa) lançou sobre uma produção realista ainda interessada na literatura (e na arte, em geral) como *espaço* de ‘representação’ do real (para actualizar a expressão de larga fortuna de Auerbach, «mimesis»¹). No entanto, não se pretenderá fazer tábua rasa de um passado recente, cujo maior mérito terá sido sem dúvida o de situar os estudos literários no espaço comum da investigação em ‘ciências humanas’ (campo de investigação cuja origem institucional remonta já aos finais dos anos 1950²), através de instrumentos operatórios adequados à análise da narrativa, e das suas várias modalidades discursivas e enunciativas, de forma a poderem ser dadas outras respostas ao estudo dos textos literários para além das perspectivas de índole histórico-literária ou estilística que legitimavam esse estudo.

Assim, se laços de continuidade entre abordagens de índole narratológica podem alicerçar estudos sobre o espaço narrativo em áreas aparentemente tão distantes como os «film studies» ou o espaço da narrativa em «medicina narrativa», ou, mais especificamente no campo da leitura literária, informar posturas de «close reading», convirá ter também presente que a história literária é actualmente abordada a partir de opções de «distant reading», que convidam o estudioso a interrogar-se sobre a sua «boa distância», espacial, de leitura face

¹ Note-se que a obra de Auerbach foi recentemente objecto de nova edição: Eric Auerbach. *Mimesis: The Representation of Reality in Western Literature*. Fiftieth Anniversary Ed. Trans. Willard Trask, Princeton, Princeton University Press, 2003. Também em França o livro continua a ser reeditado, traduzido do original em língua alemã: *Mimesis: La représentation de la réalité dans la littérature occidentale*, Paris, Gallimard, 1969.

² V. Jean-François Dortier, *Une histoire des sciences humaines*, Paris, Editions des Sciences Humaines, 2006.

aos textos. «Como ler?»³ «Como situar espacialmente os textos literários?» são perguntas que atravessam, de forma explícita ou implícita, as propostas de um Franco Moretti (2000, 2005), mas também de um David Damrosch (2003). O primeiro, mais preocupado em fornecer novos instrumentos operatórios, de natureza quantitativa e não propriamente textual, à história literária; o segundo, preocupado em alargar a uma perspectiva mundial o espaço de um comparatismo literário teimosamente euro-centrado, que urge ultrapassar no contexto da globalização. O espaço da literatura será então, para este último, o espaço de uma «literatura-mundo», ou seja o espaço de um «modo de ler» e não o espaço cumulativo e exaustivo de obras jamais alcançáveis na sua totalidade. Um modo de ler interessado na redefinição do espaço próprio das literaturas nacionais em percursos de deslocalização aos quais a metáfora da elipse empresta uma capacidade de visualização das sucessivas formas de refração que esses percursos induzem. Nesses novos espaços passa a ser localizada a «vida literária» das obras.⁴ Percursos possíveis graças ao reconhecimento das obras traduzidas e do seu impacto muito para além dos referentes espaciais, temporais e culturais de origem, não só das obras como da sua recepção, desestabilizadora de cânones (sempre redutores e subjectivos) pré-existentis.

Novos espaços se apresentam pois aos estudiosos da literatura, atentos ao presente, e ao papel que a literatura pode desempenhar no contexto das transversalidades disciplinares em que deve situar-se o seu estudo, não só pela própria natureza ficcional do seu objecto e pelas várias modalidades discursivas em que se exprime, como pela sua natureza integralmente humana.

A literatura, pelas suas formas de manifestação e pelas várias formas de suporte que convoca na actualidade (no tempo-espaço de transição entre o livro impresso e digital), corporiza espaços de expressão individual que são também, e profundamente, formas de expressão das sociedades, coevas não só da sua génese mas também das suas várias formas de *actualização*, no devir temporal,

³ Saliente-se a realização do colóquio promovido pelo grupo de investigação *Lire en Europe aujourd'hui*, sobre posturas de leitura contemporâneas, do qual foi publicada uma selecção das comunicações apresentadas, no volume *Lire de près, de loin: Close vs distant reading*, coordenado por Cabral, Laurel, Schuerewegen, publicado em 2014.

⁴ Retomamos neste ponto a expressão pela qual o fundador do método da história literária, Gustave Lanson, pretendia conciliar a natureza simultaneamente individual e social das obras literárias, no contexto restrito da afirmação nacional – quando não histórico-nacionalista – do nascimento da disciplina «História literária», em França, na transição do século XIX para o século XX.

como propõe Yves Citton (2007), e a partir das quais se desenham os novos espaços textuais que cada leitura pode *actualizar*; formas de expressão das sociedades híbridas em que se desenha o espaço da contemporaneidade.

Estudar o espaço literário adquire hoje uma feição de urgência. De facto, perante o triunfo do *kitsch* e do «politicamente correcto» – fim do caminho para o qual tendem as políticas valorizadoras de uma globalização de sentido único (e perante a qual nem sempre os *mass media* mantêm uma distância interpretativa plenamente informada), na procura de modelos uniformes de comportamento e/ou de pensamento, promotoras do «ter» em detrimento do desenvolvimento do «ser», estudar o espaço literário justifica-se hoje pela urgência, de natureza política, em reconhecer o comprometimento da arte perante o real, como disse Kundera, a «voz» do romance como voz da «sabedoria», do conhecimento do mundo e de cada um de nós, (Kundera, 1988: 180): «cada romance, quer queiramos quer não, propõe uma resposta à pergunta: o que é a existência humana e onde reside a sua poesia?» (*ibid.*: 183) Urgência política do reconhecimento da literatura como espaço de resistência ao modelo de pensamento de formato único que o espaço metafórico da *cama de Procustes* simboliza, e que a história cultural europeia – nomeadamente a da sua literatura – contesta.

Estudar o espaço literário hoje, e muito particularmente no que toca às literaturas contemporâneas, implica estudar os espaços que ela privilegia – quer pelas suas opções de representação, quer pelos próprios espaços em que se afirma e elege como lugares de criação. Assim, novos espaços literários parecem configurar-se na actualidade, entre as literaturas regionais (na busca talvez de balizas identitárias em risco), as literaturas urbanas (interessadas na cidade como lugar comum da modernidade, aberto pela era da industrialização, mas que a era pós-industrial e a era tecnológica configuram diferentemente na pós-modernidade), as literaturas pós-coloniais ou de minorias, ou as literaturas da diáspora (voz de massas em deslocação, literaturas do exílio e da mobilidade contemporâneas, por vezes herdeiras daquelas), com particular relevo para as formas de expressão auto-ficcionais, modeladoras de novas formas de escrita feminina, por exemplo, ou para formas genologicamente híbridas, algumas das quais beneficiando dos suportes materiais, tecnologicamente diversificados (donde o digital) que as sustentam, ou promovendo novas *performances*. O espaço literário redefine-se hoje à luz de novas posturas de escrita, valorizadoras das relações entre a literatura e os espaços humanos, na esteira do pensamento geocrítico de Bertrand Westphal (2007); de novas posturas de escrita reconhecedoras de que o mundo actual é fruto da acção do homem, para o qual o exotismo residirá agora não na expectativa da descoberta de

espaços ainda desconhecidos (inspiradores da literatura de viagens oitocentista), ou de imagens literárias reveladoras de utopias da alteridade que a imagologia explorou e procurou interpretar, mas antes no confronto que é chamado a fazer entre o real e a sua capacidade de intervenção – no enquadramento de uma sustentabilidade ecologicamente programada e responsável – sobre ele. Assim, os espaços de paisagem surgem na primeira linha do comprometimento literário contemporâneo, já não na linha da identificação romântica entre o poeta e as paisagens que o seu estado de alma configura, mas na plena consciência dos efeitos que a acção humana desencadeou no planeta, planeta que urge recuperar e celebrar, na colaboração entre perspectivas ecológicas e geopolíticas sustentáveis. Estas, por sua vez, abrem novos campos de investigação literária, quer na procura de uma hermenêutica comum e inovadora no campo das ciências humanas para a qual convocam o olhar do geógrafo e dos escritores, na reconfiguração de espaços de *geo-grafia*, com vista à edificação de uma nova *geo-logia* ou *geo-sofia* (Wunenberger, J.-J.; Poirier, J., 1996), mas que agora se afirmam definitivamente comprometidos em tendências críticas metodologicamente alicerçadas, como os «green studies» ou, num horizonte mais vasto, a ecocrítica, de origem norte americana. A importância conferida ao olhar (como manifestação de uma subjectividade actuante), à imagem (resultante de processos interpretativos), nas várias formas de expressão artística contemporâneas, corrobora o comprometimento destas com o mundo. Comprometimento muito particularmente sensível no campo literário, onde a *descrição* de espaços cessou há muito de desempenhar meras funções de «ancilla narrationis», para se tornar o veículo de expressão de outras formas de olhar, criticamente, o espaço envolvente, no hibridismo genológico em que se desenvolvem processos de escrita que reconfiguram dinamicamente o conceito clássico de *ekphrasis*.

Referências bibliográficas

- AUERBACH, Eric (2003), *Mimesis: The Representation of Reality in Western Literature*, Fiftieth Anniversary Ed. Trans. Willard Trask, Princeton, Princeton University Press.
- CABRAL, LAUREL, SCHUEREWEGEN (éds.) (2014), *Lire de près, de loin: Close reading vs distant reading*, Paris, Classiques Ganier.
- CITTON, Yves (2007), *Lire, interpréter, actualiser: Pourquoi les études littéraires ?*, Paris, Editions Amsterdam.

- COUPE, Laurence (ed.) (2000), *The Green Studies Reader; From Romanticism to Ecocriticism*, London, Routledge.
- DORTIER, Jean-François (2006), *Une histoire des sciences humaines*, Paris, Editions des Sciences Humaines.
- DAMROSCH, David (2003), *What is World Literature?*, Princeton, Princeton University Press.
- GARRARD, Greg (2005), *Ecocriticism*, London, Routledge.
- KUNDERA, Milan (1988), «Discurso de Jerusalém: o romance e a Europa», in *A arte do romance*, Lisboa, Publicações D. Quixote, p. 179-187.
- MORETTI, Franco (2000), «Conjectures on World Literature», *New Left Review*, Jan-Feb, p. 54-68.
- (2005), *Graphs, Maps, Trees: Abstracts Models for a Literary History*, London, Verso. Tradução francesa (2008): *Graphes, cartes et arbres: modèles abstraits pour une autre histoire de la littérature*, Paris, Les Prairies ordinaires.
- WESTPHAL, Bertrand (2007), *La Géocritique: réel, fiction, espace*, Paris, Les Éditions de Minuit.
- WUNENBERGER, Jean-Jacques et Jacques Poirier (1996), *Lire l'espace*, Bruxelles, Éditions OUSIA.

Maria Hermínia Amado Laurel